



Henrique Magalhães e a editoria de quadrinhos poético-filosóficos: Vanguarda e independência nas fronteiras entre comunicação, educação e arte¹

Elydio dos SANTOS NETO²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Este texto apresenta a importância que Henrique Magalhães teve, e tem, no processo de apresentação e divulgação das obras dos autores de histórias em quadrinhos poético-filosóficas a um público mais ampliado no âmbito da realidade brasileira. Henrique Magalhães foi o editor que primeiro publicou as histórias em quadrinhos poético-filosóficas no Brasil numa revista especializada, a revista *Tyli-Tyli*, de forma independente e com qualidade profissional, com a preocupação de aproximar os artistas, capitaneados por Flávio Calazans, Gazy Andraus e Edgar Franco, bem como com a perspectiva de ampliar a rede de leitores dos mesmos. Aqui registro sua participação neste processo, assim como reflito sobre a importância desta construção vanguardeira no contexto da comunicação, da educação, da arte e da cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Henrique Magalhães; editor; histórias em quadrinhos; quadrinhos poético-filosóficos; Editora Marca de Fantasia.

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla, realizada no âmbito de meu pós-doutorado³, que tem por objetivo investigar as histórias em quadrinhos poético-filosóficas no Brasil⁴ de forma a contextualizar o processo de sua produção e, enquanto expressão de arte e de visões de mundo, explicitar suas interfaces com a educação e a comunicação para chegar, por fim, à exploração de suas possíveis contribuições para a construção cultural contemporânea.

¹ Trabalho apresentado no NP Produção Editorial do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente-pesquisador do Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Pesquisador do Observatório de Quadrinhos da USP, Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire (GEPF-UMESP), Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa INTERESPE, email: elydio.santos@metodista.br ou elydio@gmail.com.

³ Pós-doutorado em curso, no Instituto de Artes da UNESP (São Paulo), sob supervisão do Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho, com o seguinte título: “As Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: Contextualização histórica e estudo das interfaces educação, arte e comunicação”.

⁴ Sobre as histórias em quadrinhos poético-filosóficas conferir trabalho de minha autoria: “O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro” (no prelo, com publicação prevista para agosto de 2009, Revista Visualidades, Mestrado em Visualidades da UFG).



Tendo já aprofundado o trabalho de dois artistas, Gazy Andraus⁵ e Edgar Franco⁶, disponho-me, agora, a examinar as contribuições de Henrique Magalhães como editor de histórias em quadrinhos poético-filosóficas.

Embora Henrique Magalhães não tenha tido influência nos processos criativos dos artistas que criaram as histórias em quadrinhos poético-filosóficas, ele tem uma importância muito grande ao acolher, por meio da Editora Marca de Fantasia, estes autores que até então tinham suas publicações feitas em fanzines, em boa parte das vezes sendo eles próprios os editores. Henrique Magalhães, como editor externo ao grupo que criava esta abordagem, será a pessoa que possibilitará o primeiro reconhecimento⁷, mais expressivo e de peso editorial, para aquela produção ainda em estágios iniciais, porém já consistente, por meio da revista *Tyli-Tyli*⁸. Gazy Andraus (1997, p. 81), em artigo sobre a revista *Tyli-Tyli*, afirma:

(...) o *fanzine* é uma publicação que circula com matérias jornalísticas, artigos, entrevistas, etc. Já uma *revista alternativa* traz em seu bojo as produções artísticas como as HQs, ilustrações, contos etc.

E é nessa segunda classificação que encontramos *Tyli-Tyli*.

Se já houve no Brasil, alguma revista de histórias em quadrinhos de temática adulta, na classificação da área de filosofia, esoterismo ou anarquismo, antes da *Tyli-Tyli*, ela jamais foi registrada na memória (ou nos anais da nossa história).

Este trabalho “resgata” então de um possível futuro, um registro importante desta, que se não é a única revista impressa no gênero neste país (quicá no mundo?), é pelo menos a primeira que tem a coragem de se apresentar como uma revista “não só independente, mas também comercial (...)” (como diz seu editor, Henrique Magalhães).

Henrique Magalhães é importante também porque, como editor, abriu o debate sobre os quadrinhos poético-filosóficos no interior de *Tyli-Tyli*, depois *Mandala*⁹. Ele

⁵ Conferir em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0463-1.pdf>

⁶ Conferir em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0785-1.pdf>

⁷ Até o momento tudo indica que Henrique Magalhães foi o primeiro editor, no Brasil, a publicar uma revista própria para os quadrinhos poético-filosóficos, embora outros editores também tenham ajudado a trazer à luz esta abordagem. De fato, Calazans, um dos primeiros artistas de quadrinhos poético-filosóficos que Henrique Magalhães conheceu, já tinha trabalhos publicados antes de 1995, ano do primeiro número da revista *Tyli-Tyli: Cadernos de Calazans* foi editado pelo próprio autor em 1984; *Guerra das Idéias* teve sua primeira edição em fevereiro de 1987, pela Quadrix Extra, de São Paulo; o número zero do fanzine *Barata*, com a liderança de Calazans, saiu no segundo semestre de 1987. Edgar Guimarães, outro importante editor do campo dos independentes, auxiliou, como editor, a publicação do álbum *Homo Eternus*, em quatro volumes, de Gazy Andraus. Esta publicação data do ano 1994, mas é realizada sob a forma de fanzine e com o recurso da xerocópia, em sulfite A4 dobrado ao meio.

⁸ O nome da revista é uma homenagem a uma das principais personagens de Flávio Calazans.

⁹ A revista *Tyli-Tyli* posteriormente, a partir do número 9, passou a chamar-se *Mandala*. Segundo Henrique Magalhães “com o afluxo de novos autores e diversidade de expressão, a revista deslocou-se de sua inspiração

próprio participará deste debate, na condição de estudioso e pesquisador, escrevendo sobre o tema e procurando identificar suas características e seu potencial inovador (Magalhães, 1995; 2000; 2001a; 2001b).

Finalmente, Henrique Magalhães pode contribuir de forma significativa porque seu papel de editor foi alimentado por outros aspectos de sua rica identidade profissional e pessoal: o desenhista de tiras diárias, o criador de personagens de humor gráfico, o fanzineiro, o professor de comunicação, o pesquisador acadêmico e o ativista que trabalha numa perspectiva de resistência cultural. Todos estes aspectos estão presentes no trabalho do editor que, libertando-se de várias e pesadas amarras do mercado editorial comercial tradicional, identifica novos valores no campo das histórias em quadrinhos e dispõe-se, de forma vanguardista, a publicá-las com a consciência de estar trazendo uma criação autoral com condições de contribuir para a construção de uma cultura com maior capacidade de resistência, liberdade e autonomia.

Henrique Magalhães e sua constituição como editor

Henrique Paiva de Magalhães nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 17 de agosto de 1957, filho de Ulrico José de Magalhães e de Maria Darcy Paiva de Magalhães. É o primeiro de uma família de seis filhos. Como ele mesmo diz, tiveram uma vida simples “com as dificuldades de uma família de classe média mal remunerada”¹⁰. Sua mãe trabalhava em casa como costureira para complementar o salário de seu pai que tinha o emprego de agente fiscal do Estado, trabalho este que sofreu grande desvalorização salarial após o golpe militar de 1964. Apesar das dificuldades familiares teve a sustentação e o cuidado necessários para alçar a outro patamar intelectual, profissional e econômico.



Figura 1 – Henrique Magalhães em fotografia de apresentação de seu Currículo Lattes

original vinculada à obra de Calazans e mudou de nome para Mandala, tornando-se mais abrangente” (Magalhães, 2004, p. 57-58).

¹⁰ Henrique Magalhães em entrevista a mim concedida, por e-mail, em julho de 2009, na qual respondeu a um roteiro de 41 perguntas e que consta do material de pesquisa recolhido para o meu trabalho de pós-doutoramento.



Desde criança apresentou gosto pelo desenho. Na infância e na adolescência este gosto se manifestava na colorização de revistas e na cópia que fazia de figuras, desenhando-as em grandes cartazes e murais. Aprendeu a desenhar de forma autodidata: lendo, observando, copiando e recebendo o apoio de seus pais.

Na longa entrevista a mim concedida ele mesmo explicita como percebeu sua inclinação para as tiras cômicas de conteúdo crítico e político:

Com 15, 16 anos comecei a ensaiar a criação de meus próprios quadrinhos, quando descobri as tiras cômicas diárias de conteúdo crítico e político. Ao ler *Hagar*, de Dik Browne, *Frank & Ernest*, de Thaves, *B.C.*, de Johnny Hart, *Mãe*, de Mell Lazarus, *O Mago de Id*, de Brant Parker e Johnny Hart, *Peanuts*, de Charles Schulz, vi que esse era o caminho que queria seguir. O desenho cômico casava com minhas limitações de desenhistas e o conteúdo crítico calhava com as inquietações da adolescência. Em seguida conheci as tiras brasileiras, cheias de contestação ao regime político e moldado sobre a crítica social. Ao lado da argentina *Mafalda*, de Quino, foi Henfil, com *Zeferino*, que mais me influenciou na formatação de meus quadrinhos. (Magalhães, 2009, p. 1-2)

Em 1975 criou a personagem *Maria*, que identifica como seu *alter ego* (Magalhães, 2009, p. 3). Em 2005, por ocasião da comemoração dos 30 anos de criação da personagem publicou o trabalho *Maria, espirituosa...há 30 anos* (Magalhães, 2005b), no qual afirma o seguinte (p. 7):

Maria surgiu no bojo da cultura alternativa, cultura de resistência a um contexto político de exceção. Sua fonte de inspiração não poderia ser outra que a efervescência política e social do país, daí o caráter político, semelhante à charge, no início de sua criação. As primeiras tiras da personagem foram desenhadas em 1975, num dos períodos mais obscuros da ditadura militar, e traziam não só o grito contra o cerceamento político e intelectual, mas também a crítica às desigualdades sociais e aos costumes conservadores arraigados.

De uma solteirona contumaz, Maria passou logo à contestação, inspirada pelo clima satírico do jornal *O Pasquim* e dos quadrinhos do Henfil. Foi a fase explosiva da personagem, com centenas de tiras publicadas nos jornais paraibanos, o momento de sua afirmação contra uma situação política intolerável.

Entre 1981 e 1983 cursou Comunicação Social na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e escreveu o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *A incrível história dos quadrinhos: 20 anos de quadrinhos da Paraíba*¹¹.

¹¹ Conferir Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9876023654860446>.

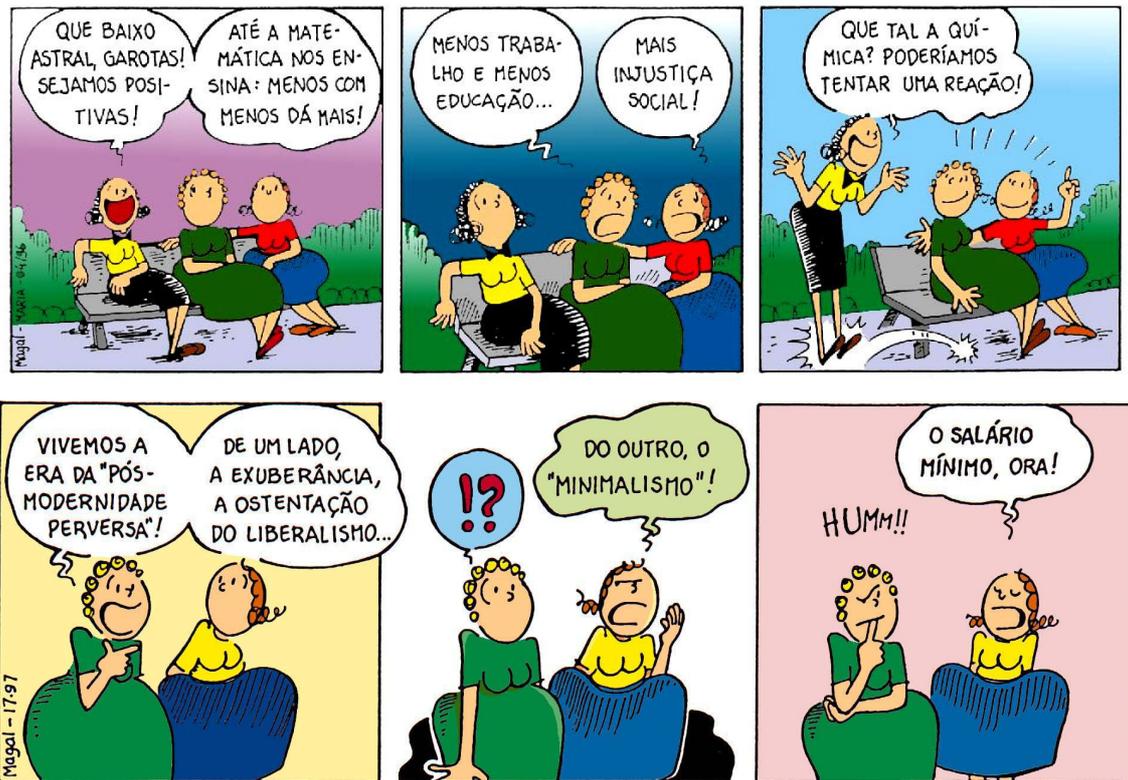


Figura 2 – Tirinhas diárias da personagem *Maria* (vestida de verde), criada em 1975, por Henrique Magalhães

Entre os anos de 1986 e 1990 realizou o seu Mestrado em Ciências da Comunicação, na Universidade de São Paulo (USP), tendo defendido a dissertação *Os fanzines brasileiros de Histórias em Quadrinhos: espaço crítico dos quadrinhos brasileiros*¹², com bolsa CAPES, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Luiz Cagnin. No ano de 1985 prestou concurso para professor na UFPB e ingressou, em 1986, como professor de Jornalismo do Departamento de Comunicação.

Realizou os estudos doutorais entre os anos de 1991 e 1993, na Université Paris VII (Université Denis Diderot), obtendo o título de Doutor em Sociologia, em 1996, sob orientação do Prof. Dr. Jean Duvignaud, com a tese intitulada *Les fanzines de bande dessinée: rénovation culturelle et presse alternative*.

Em 1993 publicou, na importante *Coleção Primeiros Passos* da Editora Brasiliense, o livro *O que é Fanzine*, que tomou por base os estudos que realizou em seu mestrado na USP, considerando também o que vinha estudando em seu doutoramento em Paris VII.

O trabalho como editor começa a aparecer de modo mais forte na metade da década de 1980 quando além de trabalhar com as tiras de *Maria* se envolve com a

¹² Em 2003 publicou o trabalho *O rebuliço apaixonante dos fanzines* (2003), pela Editora Marca de Fantasia, baseado em sua dissertação de mestrado, que se ocupou da produção dos fanzines entre os anos 1965 e 1990. Em 2004 publicou, também pela Marca de Fantasia, o livro *A nova onda dos fanzines* (2004), que atualiza a pesquisa do mestrado centrando seu foco entre os anos 1990 e início dos anos 2000.

produção de fanzines, ao mesmo tempo em que realiza os estudos de mestrado e, mais tarde um pouco, os de doutorado. O editor nasce, portanto, complexamente vinculado a outros aspectos de sua atividade criativa e profissional. De fato, afirma Henrique Magalhães (Magalhães, 2009, p. 4):

Na segunda metade da década de 1980 lancei seis edições do fanzine *Marca de Fantasia* e no início dos anos 1990, oito edições de *Nhô-Quim*. Ainda nos anos 1980, já como professor do Curso de Comunicação Social da UFPB, lancei com alguns alunos a revista *Se Toque*, de divulgação e crítica cultural de João Pessoa. A *Se Toque*, que era semanal, foi meu maior laboratório editorial, onde eu fazia de tudo, da coleta de informações à redação, da diagramação à venda de anúncios e distribuição.

Após o Doutorado em Paris e as descobertas com o meio editorial independente francês, resolvi colocar essa experiência a favor dos quadrinhos, criando o projeto da editora Marca de Fantasia, em 1995.

É importante lembrar também que Henrique Magalhães criou em João Pessoa, no ano de 1990, a Gibiteca Henfil, inicialmente como um projeto de extensão do Departamento de Comunicação da UFPB. Constituída a partir do seu próprio acervo, especializada em quadrinhos e publicações alternativas, funcionou durante muitos anos no Espaço Cultural José Lins do Rego. No início dos anos 2000 foi transferida para a UFPB e, hoje, está sendo re-estruturada para ser integrada ao Mestrado em Comunicação daquela universidade, assim como a Editora Marca de Fantasia¹³ (Magalhães, 2009).



Figura 3 – Logo da Editora Marca de Fantasia

Como docente-pesquisador atua, neste momento, no Mestrado em Comunicação da UFPB¹⁴, Área de Concentração *Comunicação e Culturas Midiáticas*, na linha de pesquisa *Mídia e Cotidiano*. Seus interesses de pesquisa são: as tiras diárias de histórias em quadrinhos, os quadrinhos *underground*, as editoras independentes e a história dos quadrinhos paraibanos (Magalhães, 2009, p. 9).

Julgo importante destacar o lugar da França no processo formativo de Henrique Magalhães, como artista, professor, pesquisador e editor, profundamente preocupado com nossa realidade brasileira. Em suas próprias palavras:

¹³ Sobre a Editora Marca de Fantasia conferir interessante trabalho de Gazy Andraus: *Editora Marca de Fantasia: disseminação alternativa do universo artístico e crítico da linguagem das histórias em quadrinhos* (2005).

¹⁴ Conferir: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/>



A França teve importância pra mim por uma questão cultural. Venho de uma geração que lutava contra o imperialismo americano, e a Europa era nosso contraponto. Por outro lado, a tradição dos quadrinhos franceses com suas obras densas e autorais me chamava mais a atenção na juventude que os quadrinhos enlatados dos grandes estúdios dos Estados Unidos. Por último, os fanzines franceses viviam uma fase efervescente na década de 1990, com publicações excepcionais, muitas vezes melhores que as publicações do mercado.

Em Paris pude observar a transformação dessa produção de boletins amadores a publicações semi-profissionais. Alguns editores já tinham, inclusive, chegado ao mercado, outros preferiam manter-se na seara das produções associativas e independentes. Isto me inspirou a criação da editora Marca de Fantasia nos moldes do que começava a acontecer em várias partes do mundo, com uma visão alternativa, mas qualidade profissional. (Magalhães, 2009, p. 8)

Criar uma editora “com uma visão alternativa, mas qualidade profissional” como já se fazia em outras partes do mundo. Este era o projeto de Henrique Magalhães. Projeto para o qual se preparou pelo trabalho artístico, pela pesquisa, pela docência e pela criação fanzineira. Tal preparação terá sido importante caminho de construção para a opção editorial que assumiu.

Uma opção filosófica e editorial: resistência cultural e produção independente

Algo que me chama atenção no trabalho editorial de Henrique Magalhães é a sua preocupação com a luta política, a criação e resistência culturais. Resistência que se caracteriza pela luta em favor das minorias, em favor dos novos autores, contra a “indiferença da indústria cultural” relativamente a uma produção mais elaborada e crítica; luta que valoriza os estudos sobre a cultura popular, ao mesmo tempo em que está atenta à produção acadêmica, de trabalhos de conclusão de curso na graduação a dissertações e teses de doutorado, passando pelos projetos de pesquisas de diferentes programas. Henrique Magalhães explicita esta postura relacionando-a, também a seu processo formativo com os quadrinhos:

Minha formação deve muito às Histórias em Quadrinhos, com suas histórias altruístas, com seu rigor ético. A justiça invariavelmente era feita, sem muitas possibilidades para um relativismo moral. Isso era uma época, anos 1960, início dos anos 1970. Hoje a realidade é outra, mas talvez não devêssemos ter abandonado de todo esse maniqueísmo. Hoje há uma inversão perigosa, onde o vilão cínico e cruel seduz de forma mórbida o gosto da juventude. Se não, como explicar a acolhida glamourosa do patológico *Coringa*, muito mais que a já grotesca figura de *Batman*? Talvez os jovens encontrem nessa identificação com as forças sinistras uma forma de catarse, num mundo onde o horror se mostra todo dia de forma realista nos telejornais.

Devido à época, minha formação teve o caráter de resistência política e cultural. Resistência à ditadura militar e identificação com os

movimentos de contracultura. Posteriormente, militância no movimento gay e outras minorias, e resistência à indiferença da indústria cultural, em particular ao mercado de quadrinhos.

(...) também criei, na década de 1990, uma série de tiras de temática homossexual chamada *Macambira e sua gente*, onde me coloco como o personagem *Rico*. Dessa forma, pude me mostrar em um momento de maturidade, com outra perspectiva de humor, sem a contingência da denúncia do estado crítico social.

(Magalhães, 2009, p. 2-3)

Não se assume uma postura de vanguarda se não existir na pessoa que a toma um fundamento ético-filosófico que lhe dê sustentação. No caso de Henrique Magalhães é sua formação, durante a ditadura militar, feita como “resistência política e cultural”, que lhe possibilitou, ao que tudo indica, apurar tal fundamento. A visão de mundo que deste fundamento ético-filosófico brota, pede, também, que se supere aquilo que Paulo Freire chama de “medo da liberdade” (Freire, 1982, p. 34), ou dito de outra maneira, é preciso coragem para levar à frente as ações que a visão de mundo, que se faz de resistência política e cultural, sugere. Seguir assim é caminhar em direção à autoria e à autonomia. Parece ser esta uma marca importante da opção filosófica e editorial de Henrique Magalhães.



Figura 4 – Macambira e sua gente, personagens de Henrique Magalhães (2008) com temática homossexual

Quando indagado por mim sobre a filosofia da Editora Marca de Fantasia¹⁵ e sua relação com o impulso de independência dos fanzines, Henrique Magalhães assim respondeu:

O princípio da editora era valorização dos quadrinhos brasileiros, a experimentação e a difusão do trabalho dos novos autores. Dessa forma eu imaginava abarcar todo o universo da produção de quadrinhos. O

¹⁵ Para conhecer a Editora Marca de Fantasia visitar seu site oficial: <http://www.marcadefantasia.com/index.htm>. Para ler o balanço que, como editor, Henrique Magalhães faz das publicações do ano de 2008 acessar o seguinte endereço: <http://www.marcadefantasia.com/nasparadas/avaliacao-2008.htm>.

projeto continua o mesmo, com ampliações. A edição de ensaios sobre quadrinhos e cultura pop não estava prevista, mas agora se tornou a principal força da editora pelo papel que representa para o meio acadêmico. Essa nova linha não entra em conflito com o projeto original, ao contrário, vem reforçar a pesquisa e a investigação sobre diversos aspectos dos quadrinhos, da linguagem ao resgate histórico.

(...) Tenho os autores como parceiros de um projeto de independência e afirmação cultural.

(...) A inquietação própria do fanzineiro é o que continua me movendo. Se tivesse me moldado aos parâmetros do mercado não teria editado muita coisa que acho bacana e importante, mas que tem um público extremamente reduzido. Faço o trabalho que gosto, com os autores que acho relevantes, independente da aceitação do público. Essa é a diferença entre o mercado, que visa o lucro, e o trabalho apaixonado do fanzineiro.

(...) Procuro ser fiel aos meus princípios, mas não os vejo como algo fossilizado. Estou sempre aprendendo com cada livro que edito, com cada novo autor que conheço. Isso vai me moldando sem me corromper, porque é algo natural, que acrescenta valores ao meu caráter.

(Magalhães, 2009, p. 5-6)

Consigo identificar, em palavras e textos de Henrique Magalhães, algumas palavras que me parecem chaves para identificar alguns traços de sua complexa identidade, em permanente construção, de desenhista, fanzineiro, professor, editor, administrador e pesquisador. São elas: resistência, projeto de independência, afirmação cultural, experimentação, criação, difusão, valorização, vanguarda, parceria, inquietação fanzineira e pesquisa.

Com certeza estas palavras não conseguem deter a complexidade da qual me acerquei, mas dão bem uma idéia do que é possível realizar numa ação editorial em que se tem clareza de projeto, coragem, disciplina, criatividade e autodeterminação. Aliás, o próprio Henrique Magalhães assim se expressou para mim, quando perguntei que qualidades, segundo ele, um editor deveria ter para realizar bem o seu trabalho: *Deve ter um objetivo claro, um bom projeto, disciplina e força de vontade. O resto se aprende com a experiência e observação* (Magalhães, 2009, p. 4).

A editoria vanguardeira de quadrinhos poético-filosóficos

Em outro trabalho já explicitiei minha compreensão sobre os quadrinhos poético-filosóficos (Santos Neto, 2009). As histórias em quadrinhos poético-filosóficas são aquelas que apresentam, de maneira explícita em sua arte, a intenção de que seja feita uma reflexão poética, enquanto aberta criativamente ao contínuo movimento da vida, e filosófica, enquanto provocação a um pensar aprofundado sobre a condição humana. As histórias em quadrinhos poético-filosóficas tendem a ser apresentadas em histórias

curtas que, muitas vezes, rompem com a linearidade convencional das narrativas em quadrinhos usando, para tanto, de criativos recursos seja no traço do artista seja em novas propostas de utilização dos requadros.

São, portanto, três as características que principalmente definem uma história em quadrinhos poético-filosófica: 1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da convencional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos.

Quando se fala da intencionalidade poética aqui é no sentido sugerido por Edgar Franco (2006, p. 110), que se referenciou no pensamento de Aristóteles, isto é, um olhar que, sem perder completamente o pé do chão presente e estando aberto aos influxos criativos da imaginação, consegue vislumbrar as coisas que ainda não são e trazê-las para a fruição e reflexão do leitor ou leitora. Da mesma forma, quando se fala na intencionalidade filosófica não se está pensando aqui na filosofia que está presente necessariamente em qualquer obra de arte, mesmo naquela que se destina a fazer rir ou a ajudar a passar o tempo. Nem se está pensando naqueles autores que, como Alan Moore¹⁶, por exemplo, conseguem construir reflexões filosóficas em quadrinhos já consolidados no mercado formal. E muito menos se está pensando naqueles trabalhos que usam a linguagem das histórias em quadrinhos para introduzir ao pensamento de filósofos já consagrados, seja do pensamento ocidental ou oriental. Quando se fala de intencionalidade filosófica a referência é ao desejo, que explicitam os autores poético-filosóficos, de provocar uma reflexão mais profunda sobre a condição humana em seus leitores e leitoras e, para isso, compartilham suas visões sociais, oníricas, subjetivas, cósmicas, políticas e espirituais por meio da linguagem dos quadrinhos.

Como já se explicitou, Henrique Magalhães acolheu estes autores na Editora Marca de Fantasia e, com eles, criou a revista *Tyli-Tyli*, dedicada aos quadrinhos poético-filosóficos. Na entrevista a mim concedida ele falou, em um bloco de nove perguntas, sobre este trabalho. Dada a importância de suas impressões, tanto para o registro histórico como para a compreensão desta produção, optei por apresentar, neste artigo, a íntegra de suas respostas. Embora na conclusão deste artigo vá refletir sobre o trabalho editorial de Henrique Magalhães, não me ausentando como pesquisador

¹⁶ Roteirista de origem inglesa que ficou conhecido por escrever textos para as histórias em quadrinhos de forma criativa e usando largamente motivos e referências filosóficas e literárias. Também escreveu histórias de super-heróis, como Super-Homem e Batman, que se tornaram muito conhecidas. Alguns de seus trabalhos significativos são: “Do Inferno”, “Watchmen” e “V de Vingança”.

reflexivo que assume uma posição, quero fechar este tópico com as palavras do editor.

Elas falam por si mesmas (Magalhães, 2009, p. 6-8):

Elydio: *Qual foi o primeiro trabalho de histórias em quadrinhos poético-filosóficas que chegou a suas mãos? O que sua intuição de editor sentiu quando viu o material? Sentiu que você tinha em mãos um trabalho especial ou não houve de imediato esta percepção?*

Henrique Magalhães: Embora eu tenha usado essa denominação, acho o termo “poético-filosófico” meio pretensioso, já que os quadrinhos desse gênero se tratam mais de inquietações pessoais que de uma teoria filosófica estruturada. Prefiro chamá-los por “quadrinhos poéticos”, já que a poesia quebra as formalidades linguísticas e conceituais, dando margem às “viagens” pessoais.

Os primeiros trabalhos de quadrinhos poéticos que conheci foram os de Flávio Calazans, Edgar Franco e Gazy Andraus. Exatamente esse trio foi a base da formação da revista *Tyli-Tyli*, que depois se chamou de *Mandala*. Não havia nada no gênero no mercado e ali estava uma expressão nova nos quadrinhos, que circulava em edições avulsas ou fanzines variados. A criação da revista com o tema foi para dar consistência a esse trabalho, tanto que a partir daí surgiram muitos outros autores fazendo quadrinhos poéticos, diversificando e constituindo uma nova linguagem.

O que me chamou atenção nos quadrinhos poéticos foi a quebra estrutural dos quadrinhos com o texto independente da objetividade convencional e a liberdade do enquadramento e da diagramação. Calazans apresentava um conteúdo político anarquista com sua personagem *Tyli-Tyli*; Gazy, a espontaneidade do traço feito sem esboço e as idéias metafísicas, que também se apresentavam no trabalho de Edgar Franco. Todos vinham com um estilo pessoal inconfundível, caracterizando o que podemos chamar de quadrinhos autorais.

Elydio: *O que se passa na cabeça de um editor quando se dispõe, como você fez, a editar este tipo de material?*

Henrique Magalhães: O que me motiva é a provocação que esses quadrinhos podem significar para o público e para mim mesmo. A possibilidade de fazer algo novo. A valorização de um gênero de quadrinhos criativo e experimental.

Elydio: *Como você vê o trabalho artístico e a visão de mundo dos autores de quadrinhos poético-filosóficos?*

Henrique Magalhães: Considero que esses autores estão na vanguarda da produção de quadrinhos e muitas vezes não são bem compreendidos. Para quem está acostumado com os quadrinhos de massa, os quadrinhos poéticos soam estranhos e herméticos, porque estão repletos de referências literárias ou mesmo reflexões muito pessoais. De todo modo, acho respeitável a ousadia de quem busca uma expressão própria, fora dos padrões e dos clichês da indústria cultural.

Elydio: *Você considera que este grupo tem uma contribuição a dar em termos de construção cultural mesmo não tendo espaço no grande mercado de quadrinhos?*

Henrique Magalhães: Claro, eles contribuem pela expressão nova que trazem, pelas propostas inquietantes e por mostrar que existe algo além do que o mercado oferece. Os autores chegaram ao ponto de experimentar caminhos que fogem completamente aos habituais na produção de seus quadrinhos. Flávio Calazans chegou a fazer um álbum sob o efeito de hipnose; Gazy Andraus radicalizou na concepção intuitiva de seus quadrinhos, gerando trabalhos viscerais e surpreendentes; Edgar Franco dedicou-se à experimentação e pesquisa do que ele criou e denominou de HQtrônicas, gerando um produto híbrido de história em quadrinhos e animação, com ênfase na participação efetiva do leitor.

Elydio: *Você acredita que este tipo de produção tem uma marca singular, mesmo quando comparada com outras produções, por exemplo, a européia?*

Henrique Magalhães: Os quadrinhos autorais europeus são a base de inspiração dessa geração de quadrinistas, contudo, por sua própria característica autoral, cada qual tem sua expressão particular, já que a história de cada autor é única.

Elydio: *Vê, na cultura brasileira atual, que haja algum tipo de espaço para a produção poético-filosófica? Por que? Qual o futuro desta produção?*

Henrique Magalhães: Pra mim essa proposta será tida sempre como “marginal”, estará dirigida a um público seletivo e sensível a novas linguagens. Os quadrinhos poéticos não serão um produto de massa, mas autoral, sem padronizações, sem linguagem fácil e óbvia. Ainda que cheguem a ser editados pelas editoras convencionais – e Edgar Franco, juntamente com Mozart Couto já lançaram o magnífico álbum *BioCyberDrama*, pela Opera Graphica –, seu público será mais intelectualizado, muito distante do leitor comum.

Elydio: *Pelo conhecimento que você tem dos artistas deste grupo quem está produzindo ainda?*

Henrique Magalhães: Do núcleo inicial da revista *Tyli-Tyli*, Gazy Andraus e Edgar Franco seguem desenvolvendo sua obra. Flávio Calazans anda meio afastado dos quadrinhos e não tenho muitas notícias se continua produzindo. Outros autores que publicaram na revista sumiram, ou estão publicando em fanzines diversos. A *Tyli-Tyli* funcionou como celeiro e ponto de encontro desses quadrinistas. Com seu fim, houve uma dispersão.

Elydio: *Você não avalia que, tomando os devidos cuidados para não cair num processo de didatização, os quadrinhos poético-filosóficos poderiam ser bem trabalhados na educação, de modo especial no ensino médio e no ensino universitário?*

Henrique Magalhães: Certamente, mas seria preciso os próprios professores entender a linguagem dos quadrinhos. Pelo que se vê, e Thierry Groensteen reforça em seu livro *História em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular* (Marca de Fantasia), o que há é um grande desconhecimento da academia sobre os quadrinhos. Isto ele se refere aos quadrinhos comerciais, imagine quanto aos quadrinhos poéticos, que exigem uma leitura aguçada!

Elydio: *Tem projetos de editoria, ainda, no campo dos quadrinhos poético-filosóficos? Em caso positivo, quais?*

Henrique Magalhães: Parei de editar a revista *Mandala* (ex-*Tyli-Tyli*) porque o público se tornou cada vez mais escasso, o que demonstrava desinteresse pelo gênero. Talvez os quadrinhos poéticos tenham se tornado demasiadamente complexos, cheios de referências exteriores aos próprios quadrinhos, exigindo do público um conhecimento amplo e inalcançável. Apesar dessa contingência, os quadrinhos poéticos continuam me instigando e pretendo um dia voltar a editá-los, não mais como uma revista seriada, que exige compromisso e fidelidade do público, mas como álbuns de compilações e antologias.

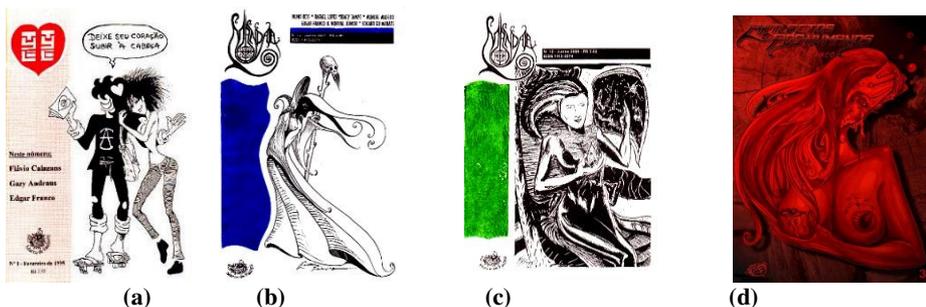


Figura 5 – (a) Capa da revista *Tyli-Tyli* no. 1; (b) Capa da revista *Mandala* no. 13; (c) Capa da revista *Mandala* no. 12; (d) Capa da revista *Artlectos e Pós-humanos* 3. Todas são produções de quadrinhos poético-filosóficos.

Reflexões conclusivas... Vanguarda e independência nas fronteiras entre comunicação, educação e arte

Nossa sociedade, não apenas brasileira, mas planetária, tem passado por muitos processos de mudança. Os diferentes campos da cultura humana têm sido sacudidos por questionamentos, reformulações, novas posturas e novos valores. Da moral às novas



tecnologias, passando pela ciência, economia, política, religiões, filosofia, trabalho e educação temos visto os conflitos paradigmáticos entre uma cultura dominante que insiste em permanecer e novas abordagens culturais que ousam novas proposições.

Este contexto nos faz perguntar: Que mundo estamos construindo? Para onde estamos caminhando? A história acabou mesmo? Não há saídas? Não será possível justiça e solidariedade sobre o planeta Terra? E nós brasileiros estamos fadados a simplesmente repetir o sucesso e a imposição de outras culturas? Temos uma contribuição a dar neste momento de construção/desconstrução da civilização planetária? É neste quadro de perguntas e dúvidas que compreendo a importância dos quadrinhos poético-filosóficos. Eles são uma criação cultural que dialoga com as questões existenciais do homem contemporâneo com um grande repertório de temas – existenciais, espirituais e filosóficos – como: o sofrimento humano, a morte, a esperança, o destino, o ego encapsulado em si mesmo, a mente humana, o feminino materno, a consciência planetária, a consciência cósmica, o imediatismo e o consumismo, a ciência, a religião, as instituições sociais, o autoconhecimento, a tensão entre as polaridades masculina e feminina do ser, a sexualidade, o poder, as lutas e contradições internas do ser humano, a fraternidade, a fratricidade, a evolução dos homens e dos animais, a espiritualidade, o inacabamento humano e a construção da liberdade.

Vejo, assim, que as histórias em quadrinhos poético-filosóficas poderão auxiliar a compreender como a educação, a arte e a comunicação estão imbricadas na cultura contemporânea e quais problemas e possibilidades de respostas criativas estão presentes neste universo no atual momento histórico de nossa cultura. É importante que tais artistas continuem, portanto a produzir e a dialogar com o nosso tempo.

Tive a oportunidade de perguntar a Henrique Magalhães (2007) o que ele pensava sobre o futuro deste gênero em terras brasileiras e ele me respondeu o seguinte:

No Brasil não há a menor chance de uma cultura como essa vingar nos meios comerciais. O que resta é o entusiasmo dos autores com suas auto-edições. Isto não é pouco, mas não garante a profissionalização. De todo modo, acredito que os quadrinhos poéticos são uma das expressões mais fortes do que se pode chamar de quadrinho autoral e não devem ser abandonados de vez.

De minha parte vejo, claramente, as dificuldades que aponta Henrique Magalhães e comungo com ele da vontade de ver o gênero prosseguir, pois fico



fortemente tocado pelo seu potencial reflexivo, transformador, político, estético e educativo. Desejo, também, que os artistas continuem a produzir sua obra, ainda que seja numa cultura cujo mercado oferece muitos obstáculos para acolhê-la e divulgá-la.

Examinei a ação do editor Henrique Magalhães, de modo especial seu trabalho com a publicação dos quadrinhos poético-filosóficos, e nela encontrei espírito de vanguarda e independência. No entanto, é possível dizer que este espírito permeia todo o seu trabalho como editor. Onde e como se percebem estas marcas? Nas opções que vem fazendo desde o momento em que resolveu criar a editora Marca de Fantasia, com a opção por: fazer uma ação editorial com independência em relação ao mercado, mas com qualidade profissional; valorizar os quadrinhos brasileiros; abrir-se a trabalhos inovadores e de experimentação; acolher novos e desconhecidos autores; assumir causas das minorias; trabalhar com consciência e sensibilidade política; publicar ensaios sobre quadrinhos e cultura pop; ajudar a tornar conhecidos trabalhos que podem levar a novas visões de mundo e que, geralmente, não são aceitos no mercado tradicional, entre eles, e especialmente, os quadrinhos poético-filosóficos.

A criativa ação editorial de Henrique Magalhães, com as marcas de vanguarda e independência, pode ter auxiliado a produzir um material que, nascido dos artistas poético-filosóficos, está à disposição daqueles que desejam se empenhar, nas fronteiras da arte-comunicação-educação, para ajudar a construir um mundo onde possamos viver melhor. É uma utopia. Utopias são provocações para as ações de nosso presente. É necessário, pois, que outros agentes culturais – professores, pesquisadores, artistas, animadores culturais, editores, comunicadores – se apropriem deste material e o recriem das formas mais criativas. Aí está uma possibilidade de intervir no presente e no futuro de nossa sociedade e de nosso planeta.

Que artistas e editores, e mais todos aqueles que se aproximarem, consigam manter vivo o entusiasmo pelos quadrinhos poético-filosóficos, pois está aí um trabalho capaz de provocar transformações na direção de uma cultura com mais alegria, beleza e, por que não, na direção da “criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (Paulo Freire, 1982, p. 218).

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, G. Tyli-Tyli: a revista de quadrinhos filosóficos do Brasil. In: CALAZANS, F. M. A. (Org.) **As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática**. São Paulo: Intercom: Unesp/Proex, 1997. p. 81-91.



_____. Editora Marca de Fantasia: disseminação alternativa do universo artístico e crítico da linguagem das histórias em quadrinhos. **3º. Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**. Comunicação Científica. GT6 – História da Mídia Visual. Março de 2005. (mimeo)

FRANCO, E. S. **Perspectivas pós-humanas nas ciberartes**. São Paulo: USP/ECA, 2006. (Tese de Doutorado).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MAGALHÃES, H. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Editorial. In: **Revista Tyli-Tyli**, fevereiro de 1995, João Pessoa: Marca de Fantasia, p. 2.

_____. **Maria: Olhai os lírios no campo**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 1998.

_____. Poesia e Quadrinhos. In: **Revista Mandala**, n. 12, junho de 2000, João Pessoa: Marca de Fantasia, p. 17-18.

_____. Quadrinhos Poéticos: viagem obtusa aos meandros da alma, In: **Revista Mandala**, n. 13, junho de 2001a, João Pessoa: Marca de Fantasia, p. 19-20.

_____. Transcendência e poética visual. In: ANDRAUS, G. **Ternário M. E. N.** João Pessoa: Marca de Fantasia, 2001b, p. 7-8.

_____. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

_____. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

_____. **A mutação radical dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005a.

_____. **Maria: espirituosa... há 30 anos!**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005b.

_____. **Entrevista** concedida a Elydio dos Santos Neto. In: Anexo de E-mail de Henrique Magalhães para Elydio dos Santos Neto, em 22 de maio de 2007, às 00:48, 2007.

_____. **Macambira e sua gente**. 3ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2008.

_____. **Entrevista** concedida a Elydio dos Santos Neto. In: Anexo de E-mail de Henrique Magalhães para Elydio dos Santos Neto, em 04 de julho de 2009, às 23:03, 2009 .

SANTOS NETO, E. O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro. In: **Visualidades**. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual/UFG (2009). - Goiânia-GO: UFG, FAV, 2009. (no prelo)